



**Operadora:**

Bom dia a todos. Iniciamos neste momento a teleconferência do Banco do Brasil para discussão do resultado do 3T08. Todos os participantes estão conectados apenas como ouvintes, e mais tarde será aberta a sessão de perguntas e respostas, quando serão dadas as instruções para participação.

Caso precise da ajuda de um operador durante a teleconferência, basta teclar \*0.

Cabe lembrar que esta conferência está sendo transmitido ao vivo pelo Portal Banco do Brasil, no endereço [www.bb.com.br](http://www.bb.com.br), site de Relações com Investidores, onde há, inclusive, a possibilidade de visualizar os slides e enviar perguntas que serão respondidas na sessão de perguntas e respostas ou posteriormente por e-mail.

Antes de prosseguir, gostaria de esclarecer que eventuais declarações que possam ser feitas durante esta teleconferência, relativas às perspectivas de negócios do Banco, projeções e metas operacionais e financeiras, constituem-se em meras previsões baseadas nas expectativas da Administração em relação ao futuro do Banco. Estas expectativas são altamente dependentes das condições do mercado, do desempenho econômico geral do País, do setor e dos mercados internacionais, portanto estão sujeitas a mudanças.

Hoje conosco estão os senhores Aldo Luiz Mendes, Vice-Presidente de Finanças, Mercado de Capitais e Relações com Investidores, Nilson Martiniano Moreira, Diretor de Controladoria, Pedro Carlos de Mello, Contador Geral, e Marco Geovanne Tobias da Silva, Gerente Geral de Relações com Investidores.

Inicialmente, o Sr. Aldo apresentará o resultado do 3T08 em grandes linhas e, em seguida, o Sr. Geovanne apresentará detalhes desse resultado. Ao final, os executivos responderão as questões que serão formuladas.

Agora, passo a palavra ao Sr. Aldo Luiz Mendes. Por favor, Sr. Aldo, queira prosseguir.

**Aldo Luiz Mendes:**

Bom dia a todos. Antes de dar início à teleconferência do 3T08 do Banco do Brasil, gostaria de dizer que temos aqui conosco também alguns outros diretores do Banco do Brasil. Conosco Renê Sanda, Diretor responsável da área de risco, Sandro Marcondes, responsável pela área internacional, Luiz Gustavo, responsável pela área de crédito, o Nilson, que é o nosso Controller, já foi citado, também conosco aqui o Dr. Vaz, nosso Diretor de Agronegócio, o Pedro Mello, nosso Diretor de Controladoria e o Nilo Panazollo, nosso Diretor de Comércio Exterior. Esse é o time do Banco do Brasil que está aqui hoje, e teremos o máximo prazer em poder responder as questões que os senhores queiram nos endereçar.

Então sejam todos muito bem-vindos à nossa teleconferência, e antes de passar a palavra para o Geovanne, que vai fazer uma apresentação mais detalhada, eu gostaria de destacar alguns pontos do desempenho do Banco do Brasil neste 3T08.

O lucro líquido dos 9M08 cresceu 52,5% quando a gente compara com o mesmo período do ano passado, e alcançou a cifra de R\$5,9 bilhões. O lucro recorrente do



3T08 chegou a R\$2 bilhões, superando as estimativas do mercado, que giravam em torno de R\$1,7 bilhão.

Nós tivemos um trimestre com uma excelente qualidade operacional. Expressivo crescimento dos ativos, que passaram de R\$458 bilhões na visão do consolidado econômico e financeiro, isso em decorrência da forte expansão das captações de depósitos; a nossa captação se beneficiou, em parte, do efeito *flight to quality*, do final do trimestre, e eu digo em parte porque uma parcela desse crescimento dos depósitos decorreu efetivamente do esforço concentrado do nosso pessoal, da nossa rede de agências.

É interessante notar que, mesmo com o sólido crescimento dos depósitos, os nossos recursos administrados não apresentaram queda significativa; pelo contrário, eles aumentaram e nós aumentamos a nossa participação na indústria de fundos.

A nossa carteira de crédito cresceu acima da média da indústria, e os indicadores de risco de crédito apresentaram melhora. Portanto, nós tivemos uma elevação de crédito acima da média da indústria, e tivemos essa elevação de crédito em paralelo com a melhora na qualidade desse crédito.

Aliás, o nosso bom resultado recorrente nesse trimestre é explicado, em boa parte, pelas menores despesas de provisão, especialmente na carteira do agronegócio. O Geovanne vai dar mais detalhes sobre isso adiante.

Os números do trimestre mostram um bom desempenho na margem financeira. As receitas com tarifas continuam registrando crescimento, mesmo em um ambiente mais restritivo, e as despesas administrativas, mesmo com concentração de eventos, como aumento salarial e reajuste de contratos de fornecedores, elas mantiveram-se dentro do nosso *guidance*, mantiveram-se dentro do controle, daquilo que a gente vem sinalizando para o mercado.

Ao final do trimestre, nós concluímos a incorporação do Banco do Estado de Santa Catarina, o BESC. Foi um passo importante para o Banco do Brasil, e esse passo vem se somar à estratégia de crescimento orgânico dos nossos negócios.

Era isso. O Geovanne então fará uma apresentação, e ao final nós ficamos à disposição para uma sessão de perguntas e respostas. Obrigado a todos. Geovanne, por favor.

**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

Bom dia a todos. Vamos iniciar com o slide três, onde apresentamos os principais destaques do resultado do Banco, alguns deles já mencionados pelo Aldo. Eu só reforçaria aqui o crescimento da carteira de crédito, que foi de 38,1% em 12 meses, atingindo o montante de R\$214 bilhões, e aqui é o conceito amplo, onde consideramos os avais, fianças e títulos e valores mobiliários com risco de crédito de clientes.

A receita de tarifas, conforme já mencionado pelo Aldo, totalizou R\$7,9 bilhões, um crescimento de 7,5% em 9M comparado com o mesmo período do ano anterior, em linha com o *guidance*. E a inadimplência, considerando aqui as operações vencidas há mais de 90 dias, que apresentou melhora nesse indicador e atingiu a marca de 2,2%, o que demonstra claramente a qualidade da nossa carteira de crédito.



Passando agora para o slide número quatro, nós vemos a evolução da lucratividade do Banco do Brasil. O lucro líquido passou de R\$1,6 bilhão para R\$1,9 bilhão no trimestre, com retorno sobre o patrimônio líquido de 30,5%. O total acumulado no ano de 2008 chegou a R\$5,9 bilhões, em comparação com R\$3,8 bilhões do mesmo período de 2007, uma evolução significativa, e o retorno sobre o patrimônio líquido dos 9M08 atingiu a casa dos 31%. O lucro recorrente também apresentou crescimento, passando de R\$1,5 bilhão no 2T08 para R\$2 bilhões no 3T08, equivalentes a um retorno sobre o patrimônio líquido médio no período de 33,6%.

No slide cinco, nós podemos verificar a formação do lucro recorrente do Banco do Brasil no período, quando comparado com o trimestre anterior. Do lado positivo, tivemos maiores ganhos na margem financeira, em torno de R\$200 milhões, e menores despesas para risco de crédito, que causaram um efeito positivo de R\$348 milhões na margem. Os efeitos positivos somados foram 5x maiores do que o aumento verificado nas despesas administrativas, de apenas R\$103 milhões. Além disso, os efeitos extraordinários do 3T08 resumiram-se às demandas cíveis, com os planos econômicos, e também a passivos contingentes, oriundos do BESC.

Passando para o slide seis, nós observamos a evolução da nossa margem financeira bruta, que tem mantido a trajetória observada nos trimestres anteriores e cresceu 3,5% no período, baseada aqui no crescimento da carteira de crédito e também na expansão das captações, principalmente os depósitos a prazo, que têm permitido o crescimento dos ativos rentáveis.

Em relação às despesas da intermediação financeira, notem que essas pularam de R\$5,2 bilhões no 2T08 para R\$9,8 bilhões no 3T08, refletidas aqui no grande aumento do volume de captações, bem como do reflexo da desvalorização do Real frente ao USD americano naquelas captações ligadas a USD. É importante notar que os efeitos cambiais no resultado líquido do Banco do Brasil se anulam em razão da nossa pequena exposição líquida a moedas estrangeiras, fruto da nossa política de gerenciamento do risco.

No slide sete, nós notamos, no gráfico à esquerda, que na visão 12 meses, a Selic média passou de 11,7% ao ano para 13,5% ao ano, enquanto o spread do Banco do Brasil apresentou uma queda apenas de 7,5% para 7,2%. Já na visão do 3T08 contra o trimestre anterior, a Selic média apresentou incremento de 200 b.p., enquanto o *spread* do Banco decresceu apenas 10 b.p., mantendo-se no mesmo patamar do 1T08. Essa pequena retração ocorreu em razão de alterações no *mix* dos ativos geradores de receitas, e também do aumento dos custos de captação.

Já no gráfico à direita, nós mostramos o comportamento do spread por carteira. É importante ressaltar aqui que o spread tem recuado ao longo dos trimestres, tanto pelo impacto da maior competição no setor financeiro, como pelo incremento de operações de crédito com menores taxas, principalmente no crédito consignado. Em um ano, essa série de fatores causou uma redução de 570 b.p. no spread médio das operações com pessoas físicas, que saíram de uma rentabilidade de 27,7% no 3T07 para 22% no 3T08.

Já os spreads das operações voltadas para pessoas jurídicas e agronegócios, esses apresentaram pequena oscilação positiva no 3T08, fato que contribuiu para amortecer a queda do spread total da carteira de crédito, que foi de apenas 140 b.p. em 12 meses, saindo de 10,8% no 3T07 para 9,4% no 3T08.



Passando agora para o slide oito, nós vemos o comportamento do mix de captação do Banco no 3T08 em relação ao 2T08, e também em relação ao mesmo período do ano passado, além de uma comparação do nosso custo de captação e das nossas diferentes linhas de funding, em relação à Selic.

Enquanto verificamos incremento total dos depósitos, as captações no mercado aberto apresentaram redução em relação ao trimestre anterior. Como pode ser verificada na parte inferior do slide, a captação em CDB, os ingressos da captação em CDB cresceram significativamente, um crescimento de 269%, se analisarmos os fluxos de ingresso em outubro de 2008 contra junho de 2009. Nós podemos perceber também, na tabela, que houve um incremento no custo de captação de todas as linhas quando comparado com o trimestre anterior e também com o mesmo período do ano passado, por causa do aumento do volume de captação de depósitos a prazo, conforme nós podemos ver no gráfico de barras á esquerda do slide.

Todavia, nós observamos que a tendência de elevação no custo de captação vem se invertendo a partir do mês de outubro em função do movimento chamado *flight to quality* do mercado em relação ao Banco do Brasil. Com a insegurança que a crise global lançou sobre o sistema financeiro brasileiro, o Banco do Brasil passou a ser considerado uma espécie de porto seguro para os investidores, trazendo reflexos positivos no aumento do volume de captação, principalmente captação de depósitos a prazo.

No slide número nove nós apresentamos uma novidade; trata-se aqui de uma tabela em que analisamos as fontes e os usos, e essa tabela tem por objetivo confrontar a geração de funding com a aplicação dos recursos na carteira de crédito, mostrando aqui as sobras de recursos ou disponibilidades para continuar garantindo o crescimento dos ativos operacionais no futuro.

As fontes identificadas aqui já estão deduzidas dos recolhimentos de depósitos compulsórios, e a carteira de crédito está líquida de provisões. Dito isto, o que nós temos aqui? Nós temos algumas conclusões interessantes. Primeiro: houve forte recomposição das disponibilidades no período, em decorrência da forte expansão dos depósitos, principalmente depósitos, principalmente a prazo. Ao final do trimestre, os recursos em disponibilidade somaram R\$32,8 bilhões, o dobro do que registrávamos ao final do 2T08.

Conseqüentemente, a relação créditos/depósitos caiu, de 91,5% do trimestre anterior para 83% no 3T, mostrando aqui que a força do Banco do Brasil de recompor rapidamente as suas fontes de recurso, fruto de uma campanha maciça que o Banco desenvolveu para crescimento forte das captações, principalmente em depósitos a prazo, ao longo do 3T.

No slide dez, nós demonstramos o impacto que as liberações de depósito compulsório, oriundas das decisões do Banco Central do Brasil, geraram no Banco do Brasil. Aí não consideramos a última medida que foi divulgada ontem à noite pelo Banco Central.

De setembro a novembro, o total que o Banco do Brasil poderá dispor, com a liberação de depósito compulsório totaliza R\$14,9 bilhões, ressalvando que o valor para novembro de 2008 está projetado, e o total da Circular 3417, de outubro de 2008, refere-se ao potencial da mesma, e somente será alcançado se o Banco do Brasil cumprir, claro, todas as exigências ali descritas.



Passando para o slide número 11, nós observamos um resumo das operações do Banco do Brasil com a aquisição de carteiras, e também com as operações financeiras com garantia de carteira. Cabe destacar que o Banco já vem adotando essa prática há mais de 18 meses, ou seja, antes mesmo da questão da crise, dissipando assim qualquer dúvida de que nós estaríamos entrando nesse mercado somente para atender a solicitação do Governo Federal.

Com as medidas adotadas pelo Banco Central desde outubro, já analisamos créditos da ordem de R\$17 bilhões, sendo que aprovamos apenas 40% desse montante para aquisição. O gráfico a esquerda do slide apresenta a distribuição dos contratos efetuados em outubro de 2008. De um total de R\$5,9 bilhões, pode-se verificar que 44% das nossas operações para aquisição de carteiras se concentraram no crédito consignado; 29% nas carteiras de financiamento a veículos; e 27% em carteiras de crédito comercial.

Até novembro, se somarmos tudo o que já tinha sido feito antes de outubro, em torno de R\$1,8 bilhão, mais o que foi feito em outubro e novembro, nós já fizemos negócios da ordem de R\$8,2 bilhões.

Vamos agora passar para o slide número 12. No slide número 12 nós podemos ver que a nossa carteira de crédito apresentou desempenho bastante expressivo, com saldo de R\$202 bilhões, e aqui, no conceito da Resolução do Conselho Monetário Nacional 2682, há um crescimento de 34,6% em 12 meses e de 6,4% no trimestre, o que equivaleu a uma participação no mercado de 16,5%. É importante mencionar que desse total, R\$700 milhões são operações de crédito provenientes da aquisição do BESC.

Se nós considerarmos somente a carteira de crédito no País, a carteira doméstica, o desempenho foi ainda maior, um crescimento de 37,5% em 12 meses, e superamos mais uma vez o desempenho da indústria, que cresceu apenas 34% no período. Os destaques foram: a carteira de pessoas físicas, com uma variação positiva de 4% sobre junho de 2007 e de 5,9% no trimestre; e do crédito à pessoa jurídica, que cresceu 42,7% no ano e 8,8% no trimestre.

Por causa da sazonalidade, houve uma concentração de liquidação de operações da safra 2007/2008 no 3T. Por esse motivo, a carteira de agronegócios apresentou uma retração de 1,8%.

Passando para o slide 13, nós temos a abertura da carteira de pessoas físicas. Nesse segmento, os principais destaques foram: o CDC Salário e o financiamento a veículos, em consonância com a estratégia do Banco de crescer negócios com folhas de pagamento; as operações de CDC Salário apresentaram também um desempenho expressivo, um crescimento de 62,2% em 12 meses e de 7,7% no trimestre.

Já a carteira de financiamento a veículos, estruturada em 2006, passou de R\$2,2 bilhões em setembro de 2007, para R\$5,6 bilhões em setembro de 2008, um crescimento de 152%, quase já atingindo a meta do Banco do Brasil para o final do ano, que é uma carteira de R\$6 bilhões. Em comparação a junho, o crescimento dessa carteira foi próximo a 20%.

No slide 14, nós abrimos os créditos destinados às pessoas jurídicas, mostrando que a evolução desse saldo foi expressiva em todas as linhas. Nós podemos observar que o





crescimento nas operações voltadas a micro e pequenas empresas foi de 43,4% no ano e de 8,8% no trimestre; em relação aos empréstimos das médias e grandes empresas, o desempenho também foi muito bom: 42,3% de crescimento em 12 meses, e 8,4% no trimestre.

É importante destacar, já no slide número 15, o comportamento da nossa carteira de crédito para o comércio exterior. Observa-se aí que no 3T08, nossa carteira manteve-se estável, tanto em recursos desembolsados como em número de contratos, apesar de toda a dificuldade que temos observado a partir de setembro, com as fontes de recursos externas.

O destaque aqui é para o desempenho apresentado no mês de outubro. Embora o Brasil já estivesse sofrendo os impactos da crise global, o Banco do Brasil conseguiu manter o nível de desembolso para o comércio exterior no patamar apresentado em setembro, ou seja, de US\$1,4 bilhão.

Passando para o slide número 16, observamos a exposição do Banco do Brasil a derivativos com seus clientes. Isso já foi objeto de discussão, inclusive na teleconferência que apresentamos algumas semanas atrás, sobre os impactos da crise. Como se pode verificar, o Banco do Brasil está exposto em cerca de R\$130 milhões em operações contratadas com nossos clientes. Em relação a operações dos nossos clientes onde o Banco do Brasil é credor, a exposição é de R\$821 milhões; a maior exposição é de R\$104 milhões, do maior cliente, e essas operações envolvem 899 clientes, uma exposição média de R\$6,9 milhões.

Passando para o slide número 17, trazemos alguns detalhes da carteira de agronegócios. Nós podemos ver aqui a distribuição do crédito, tanto por região do Brasil como por item financiado; as regiões Sul e Sudeste, juntas, concentram mais de 68% do crédito liberado para o agronegócio; e a bovinocultura, a soja e o milho se destacam como os três principais itens financiados.

Na parte inferior do slide, nós temos um gráfico que demonstra a evolução do preço dos alimentos, em Reais e em USD, onde se observa que, embora tenha ocorrido a queda do preço em USD das commodities agrícolas, o índice aqui CRB alimentos, com a desvalorização do Real em relação ao USD, isso fez com que esse indicador, em Reais, permanecesse ainda rentável para os produtores.

No slide número 18, nós apresentamos aqui um resumo sobre a variação do volume total contratado para a safra agrícola 2007/2008 em relação à safra 2008/2009, e tanto a tabela quanto os gráficos mostram muito bem que, embora o volume contratado tenha crescido 14% no 3T08 em relação ao 3T07, a provisão para risco de crédito, na carteira do agronegócio decresceu 3,8%, sinalizando uma melhora considerável no risco das novas contratações.

O slide 19 traz outra novidade; ele mostra o fluxo de contratações e amortizações ocorridas em 2008 na carteira do agronegócio. Ele traz ainda o risco médio dessas contratações e amortizações. Coerente com o que temos falado com o mercado, o gráfico mostra que estamos contratando operações com menor risco, um risco médio de 1,6%, e ao mesmo tempo, as amortizações estão ocorrendo em uma faixa de risco médio bem superior, um risco médio de 6,1%.

Outro dado interessante na lâmina é que no 3T nós tivemos uma maior concentração de amortizações e liquidações, o que ajuda a explicar o menor volume de despesas de



provisão para risco de crédito ocorridas no período. Por fim, no final das contas, em 2008 nós tivemos R\$25,3 bilhões de contratação de novas operações contra R\$21,1 bilhões de amortização e liquidação.

No slide número 20, confirmamos aqui outra informação que temos compartilhado com o mercado. Nós estamos aumentando a utilização de mecanismos de mitigação de risco na carteira do agronegócio. Na nova safra, 2008/2009, 70% das operações contratadas foram de custeio, e desse volume, mais de 70% está utilizando o seguro-agrícola.

No slide de número 21, nós podemos observar que as despesas de provisão sobre o total da carteira, em decorrência de todo esse cenário de melhoria de risco, apresentaram redução, posicionando-se abaixo do nosso *guidance* anual, de uma provisão de risco de crédito sobre a carteira média no período anual de 3,7% a 4%.

Nós finalizamos o trimestre com esse indicador na faixa de 3,3%. Em termos de valores absolutos, as despesas com provisões ficaram em um patamar de R\$1,3 bilhão, uma redução de R\$348 milhões em relação ao observado no trimestre anterior.

No slide 22, nós podemos verificar a queda do risco médio da carteira para o patamar de 5,2%, e das operações vencidas há mais de 60 dias para 2,6% da carteira. E a provisão total da carteira está em torno de 5,5%.

No slide 23, apresento o comportamento da inadimplência para pessoas físicas, jurídicas e agronegócio, confirmando mais uma vez a melhoria do risco da carteira de crédito do Banco do Brasil.

Passando para o slide 24, trazemos outra novidade, atendendo aos pedidos dos nossos investidores, que é o conceito safra da inadimplência. Nós temos aqui o comportamento da inadimplência nessa visão safra, considerando a visão ano; ano de 2005, 2006, 2007 e as operações já concedidas ao longo de 2008 para a carteira de crédito com pessoas físicas. Aqui nós não estamos ainda incluindo cheque especial, cartões e financiamento a veículos; pretendemos fazer essa melhoria nas próximas divulgações.

Cada uma dessas curvas apresenta o comportamento, então, da inadimplência para 90 dias das operações contratadas nesse período. De acordo com o gráfico, a inadimplência oriunda das operações contratadas no ano de 2005 apresentou seu ápice no período de 30 meses após a contratação, chegando a uma inadimplência de operações vencidas há mais de 90 dias de 6,5%. Após esse período, a curva apresenta uma inflexão com tendência de queda. Para as operações contratadas em 2006, a curva apresenta inflexão aos 27 meses após a contratação, com índice máximo de inadimplência um pouco abaixo de 6%, ou seja, uma performance melhor que a do ano anterior.

As operações contratadas em 2007 apresentaram um comportamento, em termos de inadimplência, entre as operações de 2005 e de 2006, e as de 2008 já iniciaram a um comportamento muito próximo ao observado no ano de 2006.

Passando agora para o slide de número 25, nós trazemos a mesma leitura da inadimplência por safra, mas em uma visão trimestral, para as operações contratadas ao longo dos trimestres de 2007 e 2008, considerando aqui também a inadimplência de 90 dias. Segundo o gráfico, todas as curvas de inadimplência apresentaram



comportamento ascendente, não tendo ainda atingido o seu ponto de inflexão. Mas observem que a inadimplência está abaixo do ponto de inflexão observado nos anos anteriores, que é em torno de 6%.

Passando agora para o slide número 26, gostaríamos de falar um pouco sobre as receitas de prestação de serviços, que totalizaram R\$2,6 bilhões no trimestre, um crescimento de 6,5% em 12 meses quando comparado com o mesmo período do ano anterior, e de 1% quando comparado com o trimestre anterior. No acumulado do ano, o crescimento foi de 7,5%. Aqui fica claro que os impactos da Resolução do Conselho Monetário Nacional 3518, de 2007, que disciplinou a cobrança de tarifas bancárias para pessoas físicas, ainda estão afetando fortemente as tarifas oriundas de operações de crédito.

Mas é importante chamar a atenção para as receitas com cartão, que apresentaram um crescimento significativo, de 46,5% em relação ao mesmo período do ano passado e de 11,6% em relação ao trimestre anterior.

No slide 27 apresentamos as despesas administrativas, compreendendo aqui despesas de pessoal e outras despesas administrativas, que totalizaram 3,7%, crescendo dentro do nosso *guidance* de crescimento de despesas administrativas, crescimento de 7% a 10%. É importante mencionar que o crescimento já reflete em parte o reajuste salarial em relação ao mês de setembro, e também os reajustes de contratos com fornecedores, que impactam a linha de outras despesas administrativas.

No slide 28, trazemos alguns indicadores estruturais do Banco do Brasil, já sensibilizados pela incorporação do BESC. Cresceu o número de funcionários para 88.700 trabalhadores, sendo que 3.600 são funcionários oriundos do BESC; a nossa rede de atendimento também foi ampliada, atingindo 15.900 pontos de atendimento; e o número de correntistas chegou a atingir 30 milhões, aproximadamente 700.000 oriundos do BESC.

No slide 29 trazemos os indicadores de produtividade. O índice de cobertura, que mede tarifas sobre despesas de pessoal, cresceu, atingindo próximo o patamar de 130% na visão recorrente. Nós temos na visão tradicional em torno de 125%, e o índice de eficiência também, no patamar de 45%, próximo do *guidance*, da meta que nós tínhamos com a celebração dos 200 anos do Banco do Brasil.

O slide 30 traz a evolução do nosso índice de Basileia no consolidado financeiro, que encerrou o trimestre em 13,6%, uma melhoria em relação ao 2T08, já impactado com os efeitos do Basileia II, cujos pontos positivos e negativos estão relacionados no slide, vocês podem ler.

No slide 31 apresentamos os principais números da incorporação do sistema BESC. Os ativos totais do BESC e seus depósitos e seu patrimônio líquido, aumentaram os nossos ativos, nossos depósitos e nosso patrimônio líquido em média em torno de 1,6%. O impacto na administração de recursos de terceiros foi da ordem de 1,1% de crescimento no volume de recursos administrados, e crédito em torno de 0,6%. Ou seja, temos o potencial de alavancar grandemente a carteira de crédito junto aos correntistas do BESC.

Passando para o slide número 32, nós resumimos então as nossas estimativas para o ano de 2008; algumas delas foram confirmadas, e outras reajustadas. Mantivemos os





*guidances* para despesas administrativas, retorno sobre patrimônio líquido médio recorrente, cartões de crédito, spread global e receitas com tarifas; e decidimos revisar os *guidances* para cima, para o crescimento da carteira de crédito, depósitos totais, a taxa de imposto, que em função do efeito do câmbio exigiu que nós reduzíssemos a taxa de imposto média, que esperava-se ficar em torno de 25% a 28%, agora reajustamos para uma *range* de 23% a 25% no ano.

Essas eram as informações que gostaríamos de compartilhar com vocês. Podemos agora abrir para perguntas.

**Jorg Fridemann, Merrill Lynch:**

Bom dia a todos. Eu tenho na verdade duas perguntas. A primeira diz respeito à movimentação da provisão na carteira agrícola. De fato, eu entendo as explicações todas relativas à melhora da qualidade e aos cuidados que o Banco do Brasil vem tomando de forma a mitigar o impacto de deterioração do cenário, afetando, portanto, a capacidade de pagamento dos produtores.

Mas o fluxo da provisão nesse trimestre foi de apenas R\$58 milhões na carteira agrícola, vis-à-vis uma média de, mais ou menos, R\$500 milhões nos últimos quatro trimestres. Eu queria saber se não tem também um impacto sazonal, devido ao menor crescimento da carteira nesse trimestre, e se vocês esperam que, mesmo com a mitigação do risco, esse fluxo de provisão volte a ter um patamar um pouco mais alto nos próximos trimestres; até se faz sentido, então, manter aquele PCLD médio da carteira, em torno de 3,7%, como era historicamente.

E a segunda pergunta diz respeito à estratégia de seguros. Depois da aquisição da Aliança da Bahia, queria saber se vocês estão ainda vislumbrando a implementação de uma estratégia mais individual nesse segmento, se vocês estão repensando as outras parcerias, e como muda essa estratégia em relação às novas regulamentações, se de repente vocês teriam a ambição de atuar de maneira mais isolada nesse segmento. Obrigado.

**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

Bom dia, Jorg. Estou aqui também com o Luiz Gustavo, nosso Diretor de crédito, e o José Carlos Vaz do agronegócio, que podem ajudar a complementar a resposta.

Mas em relação a fluxo, de fato você teve um volume menor, mas não se esqueça que você teve os pagamentos, conforme a gente já mostrou que foram amortizações e liquidações de operações que estavam contabilizadas para um risco médio maior, e você teve novas contratações feitas a um risco médio menor, exigindo um volume de despesas menor.

Em relação ao que tentar estimar daqui para frente, eu acho que você tem que levar em consideração o *guidance*. Nós ajustamos o *guidance* de despesas de provisão sobre a carteira média para baixo. A gente esperava inicialmente algo em torno de 3,7% a 4% da carteira, e nós estamos agora esperando algo em torno de 3,5% a 3,8% da carteira total, face a essa melhora de risco na carteira rural, principalmente.

Luiz Gustavo, não sei se você gostaria de acrescentar alguma coisa; José Carlos, como está a expectativa das operações novas para essa safra de 2009?



**José Carlos Vaz:**

Bom dia. Complementando o Geovanne, queria conversar um pouco essa questão do cenário. Esse trimestre foi um trimestre em que nós colhemos as depurações das operações em consequência da renda obtida pelo produtor na safra 2007/2008, safra que foi colhida em abril e maio deste ano e teve uma margem satisfatória, melhor do que em anos anteriores, para o produtor. Essa satisfatória liquidação que nós temos aí tem a ver com isso, com a renda da safra passada.

E também estamos colhendo uma estratégia de dois ou três anos que a gente implementou na carteira, que tem a ver com a administração adequada da carteira contratada, especialmente a prorrogável, mas principalmente no que fazer com relação à contratação de novas operações, que os números que foram apresentados nesse trimestre representam o acerto dessa estratégia.

Nós estamos contratando a safra 2008/2009, e realmente, a partir de setembro, houve uma mudança em todo o cenário internacional, afetando também o agronegócio. Os critérios que nós estamos usando para contratação dessa safra são critérios usando as metodologias de análise de risco do Banco, que considera os preços que a gente projeta para comercialização do ano que vem, que são preços que ainda sinalizam uma margem suficiente para liquidação dos financiamentos que estão sendo contratados agora.

Nós temos algum alerta para a cultura do algodão, e conseqüentemente isso está sendo considerado na tomada de risco. O Banco permanentemente atualiza a sua projeção de renda do produtor e, em função disso, decide como vai ser a contratação das operações novas. Obrigado.

**Aldo Luiz Mendes:**

Bom dia. Com relação à questão dos seguros, de fato, após a aquisição da Aliança da Bahia, nós iniciamos um processo de análise e estudo de reorientação estratégica desse segmento dentro do Banco. Existe já uma proposta em discussão interna, então nós estamos fazendo as discussões internas em cima de uma proposta de atuação. Uma vez que essa proposta venha a ser aprovada aqui dentro do Banco, a gente terá condições de dividir um pouco mais de informações com o mercado.

O que eu posso-te dizer é que, de fato, estamos estudando. Existe já uma proposta pronta e acabada, existe também um banco que está nos assessorando nessa tarefa, um banco de investimentos, e tão logo tenhamos decisões internas, poderemos compartilhar essas decisões com o mercado.

**Jorg Fridemann:**

OK. Muito obrigado pelas respostas.

**Carlos Macedo, Goldman Sachs:**

Bom dia a todos. Parabéns pelos resultados. Queria uns comentários de vocês relativos à atuação do Banco do Brasil agora, desde outubro, não necessariamente na compra de carteiras, que acho que ficou muito claro e muito transparente, mas nos outros âmbitos que o Governo está pedindo ajuda, especificamente na antecipação do crédito ao setor agrícola, no crédito dado as montadoras. Queria entender um pouco



as suas taxas e os prazos e qual a rentabilidade disso para o Banco do Brasil, só para termos certeza de que está tudo indo de acordo com a busca da rentabilidade no Banco.

E mais uma coisa: eu sei que agora o Banco deve estar em um processo de orçamento para 2009, por enquanto só tem *guidance* para 2008, mas eu queria saber qual é a visão do Banco para 2009 em termos de crescimento, inadimplência, despesa, receita; se vocês puderem dar um pouco uma antecipação, eu também ficaria agradecido.

**Aldo Luiz Mendes:**

Com relação à antecipação agrícola, é aquilo que a gente já tinha informado ao mercado, não sei se José Carlos tem algum adendo, alguma consideração adicional.

De uma maneira geral, posso garantir que nenhuma dessas operações tem trazido qualquer tipo de dificuldade para o Banco do Brasil. Muitas vezes, essa coisa é tratada pela imprensa de uma forma distorcida, parece que o Banco do Brasil está entrando em campo para ajudar esse ou aquele setor. Eu garanto, e posso assumir aqui perante vocês, que o que nós estamos fazendo são negócios.

Por exemplo, a questão das montadoras. Os negócios têm sido feito, uma base são empréstimos de DI para bancos de montadoras, com garantia das carteiras, a taxas de mercado. Essas taxas de mercado, no início da crise, eram bastante elevadas; contudo, com a resolução do Banco Central que penaliza aqueles bancos que não repassarem o depósito compulsório sobre depósito a prazo, apareceu o dinheiro, apareceu oferta, e as taxas despencaram drasticamente. Hoje são taxas que giram nos patamares quase pré-crise.

Então estamos fazendo bons negócios, estamos adquirindo ou financiando carteiras de bancos de montadoras, com a garantia do banco e da carteira, a taxas de mercado, em condições concorrenciais e competitivas. Ontem, para dar um exemplo, três desses bancos simplesmente não tomaram recursos conosco porque tinham ofertas melhores no mercado, só para citar o dia de ontem. E isso tem acontecido diariamente. Os bancos vêm e fazem as cotações, nós entramos concorrencialmente com os demais bancos grandes, que tem condições de sacar recursos do compulsório para atender essas linhas.

Para você ter uma idéia, até o dia de ontem, a gente tinha utilizado quase R\$2 bilhões do depósito compulsório para efeito de atendimento de bancos de montadoras; ainda há recursos para serem utilizados. Então é nosso interesse, e é interesse dos demais bancos fazer essas operações, porque ficar com esse recurso penalizado, da forma como estava sendo penalizado, não é nem um pouco atrativo, do ponto de vista da remuneração. E a gente entende que o risco que está sendo tomado é absolutamente tranquilo, isso está sendo feito em condições de mercado.

Idem na agricultura. Não houve qualquer tipo de flexibilização naqueles R\$5 bilhões, não está havendo nenhum tipo de flexibilização, não está havendo nenhum tipo de favor, não está havendo nenhum tipo de tratamento diferenciado. Todas as operações são tratadas em condições absolutamente de mercado.

Com relação à visão 2009, eu vou pedir ao Nilson, que é o nosso Diretor de Controladoria, para falar um pouco, porque o nosso orçamento ainda está em



elaboração, haja vista que a “bola de cristal” para 2009 está um pouco embaçada, mas nós ainda estamos discutindo o orçamento de 2009.

**Nilson Martiniano Correia:**

Bom dia a todos. Como comentou o Aldo, normalmente a gente aprova o orçamento do Banco no mês de novembro. Considerando o cenário atual, neste ano, a gente preferiu aguardar um pouco mais, para termos uma visão mais clara do que vai ser o ano de 2009, então nós vamos aprovar o orçamento, especificamente neste ano, no início de dezembro. Assim que a gente aprovar esse orçamento internamente, devemos soltar o *guidance* para mercado.

Agora, com certeza, a gente sabe que esse ano vai ser um ano mais difícil, não tenha dúvida que a gestão de despesas vai ser um item relevante nessa peça orçamentária; e assim que a gente tiver os outros números de negócios, a gente divulga para vocês.

**Carlos Macedo:**

Está bom, muito obrigado.

**Luis Adaime, Bresser:**

Bom dia a todos. Obrigado pelos quadros com maior *disclosure* sobre inadimplência. Uma pergunta sobre a questão do provisionamento: vocês reduziram o excesso de provisão, justificando como a reclassificação dos requerimentos para provisionamento da carteira rural. Quer dizer, dado esse *guidance* de provisionamento mais baixo em relação ao total da carteira, indo para frente, para o ano que vem, a gente deve esperar um retorno eventual desse excesso de provisão, ou realmente foi uma mudança estrutural, pelos novos requerimentos?

**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

Adaime, repita a pergunta, porque eu não ouvi direito, por favor.

**Luis Adaime:**

A pergunta é quanto ao excesso de provisões. Na análise de desempenho, vocês mencionam a redução da provisão adicional por uma nova resolução e uma questão de provisionamento da carteira rural. Essa redução de excesso de provisão é uma questão estrutural, o excesso de provisão deve se manter nessa casa dos R\$700 milhões para o ano que vem? Ou eventualmente ele volta, foi uma questão pontual?

**Marco Geovanne Tobias da Silva**

A questão toda, e a gente já vêm conversando com vocês, é que a gente estava com um adicional de provisão muito grande, e a gente vem consumindo esse adicional ao longo do tempo. E essa é uma discussão que a gente está tendo, inclusive, com o regulador, sobre a existência de um adicional além daquilo que está previsto em norma.

Eu diria que a tendência é você ter uma redução nesse adicional ao longo do tempo, e aí é uma gordura que a gente vai ter para poder administrar os nossos riscos das diferentes carteiras.



José Carlos, você gostaria de acrescentar alguma coisa?

**José Carlos Vaz:**

Só registrar que não houve mudança nos critérios que o Banco adota para classificação de risco de operações de agronegócio. O que tem é um fluxo de retorno de recebimentos e um fluxo de contratações, que mudam o perfil de risco da carteira e, conseqüentemente, levam a menor volume de provisões.

Só para deixar bem claro isso, não houve nenhuma alteração por questões de ambiente regulatório, por questões de regulamentação, que tenha mudado os critérios adotados na classificação de risco. Houve um fluxo que levou a um melhoramento da carteira, mantidos os critérios já usados anteriormente.

**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

Sim, e em relação ao adicional, o adicional é uma figura controvertida que o regulador tem questionado, por que manter esse adicional. Então eu diria que a tendência, ao longo do tempo, é esse adicional ser reduzido.

**Luis Adaime:**

OK. Só mais uma pergunta, em relação aos lançamentos de ADRs e à exigência do Novo Mercado, de *free float* de 25%. Como está essa questão, dada a conjuntura adversa? Até que ponto vocês teriam que chegar aos 25%, até que ponto do ano que vem?

**Aldo Luiz Mendes:**

Continuaremos perseguindo ambos objetivos, contudo sujeitos à restrição dada pela conjuntura internacional. Vamos aguardar o próximo ano, ver como as coisas se desenvolvem, e se até a metade do ano não houver mercado, teremos que negociar um *weaver* na questão dos 25%.

Quanto aos ADRs, também temos que olhar. Não adianta a gente tentar fazer isso em um momento em que não haja condições de mercado. Vamos aguardar a conjuntura do ano que vem e ver que medidas vamos tomar.

**Luis Adaime:**

Desculpe, só para checar, o deadline então, como está agora, seria metade do ano que vem? Para chegar aos 25% de *float*?

**Aldo Luiz Mendes:**

Exato.

**Luis Adaime:**

OK. Muito obrigado.





**Carlos Firetti, Bradesco Corretora:**

Bom dia a todos. Minha pergunta é a seguinte: como vocês mesmos falaram, nós estamos em um momento de cautela, todos os bancos estão sendo bastante cautelosos na liberação de linhas e concessão de crédito. Eu queria entender um pouco como essa necessidade de cautela tem se manifestado dentro do Banco do Brasil, considerando também, na equação, o desejo expresso do controlador, do Governo, em se manter o crédito fluindo neste momento. Queria que vocês falassem um pouco sobre esses temas.

**Aldo Luiz Mendes:**

Os nossos pré-requisitos e pré-condições para concessão de crédito continuam exatamente os mesmos, não se alteraram nada em relação ao fato de estarmos vivendo um momento de crise econômica. Na verdade, a gente passou a ser um pouco mais seletivo, e na medida em que o mercado encolhe, a gente tem até oportunidade de melhorar o *rate* médio da nossa carteira.

Se há bancos que hoje não conseguem dar mais a mesma assistência que davam a grandes clientes no passado, e esses grandes clientes, se eles tinham 20% conosco, e são clientes risco A, ou risco AA ou AAA, temos até condições de atender melhor esses clientes. Eu diria que a crise traz para a gente até a oportunidade de atender melhor os melhores clientes, porque temos menos concorrência, essa é uma situação com a qual a gente está se deparando no dia a dia.

E é claro que todas as nossas áreas comerciais estão muito mais seletivas, também, na concessão do crédito; estamos olhando com muito mais cautela e estamos trabalhando dentro dessa nova situação.

Mas eu volto a dizer: há oportunidades muito interessantes. Na medida em que o crédito encolheu, há bancos que até gostariam de estar mantendo a assistência que mantinham a grandes clientes, e não podem fazê-lo por uma questão de liquidez restrita. É a grande oportunidade para bancos grandes, como o nosso, imagino que para outros também, participarem de um percentual maior de clientes de boa qualificação de risco dentro das suas carteiras.

**Carlos Firetti:**

E a questão dos spreads? Como têm se comportado os spreads neste momento? Vocês provavelmente estão se beneficiando de taxas de spreads melhores que os outros bancos.

**Aldo Luiz Mendes:**

Sem dúvida, a condição de mercado tem levado a uma abertura do spread. Isso de alguma maneira vai acabar beneficiando a gente também.

**Carlos Firetti:**

Está bom. Muito obrigado.



**Maria Laura Pessoa, Unibanco:**

Minhas perguntas foram quase todas atendidas. Parabéns pelo resultado. Só aproveitar, se você pudesse comentar um pouco, Aldo, sobre como está o processo de negociação com a Nossa Caixa em termos de prazo, e também comentar um pouco o interesse por bancos privados, a gente tem ouvido falar muito sobre o Votorantim. Enfim, o que você puder comentar. Obrigada.

**Aldo Luiz Mendes:**

Começar pelo fim, Maria Laura. Não existe qualquer negociação com qualquer banco privado. O Banco do Brasil não está empenhado nesse momento e nem examinando qualquer oportunidade de aquisição de qualquer outro banco que não sejam aqueles que já foram anunciados ao mercado, a saber, Nossa Caixa e BRB.

Com relação ao primeiro, como foi dito também, recentemente, em comunicado ao mercado, continuam as negociações e não há nenhum acerto de preço até o momento. Então é difícil fazer qualquer previsão. E o segundo, me refiro ao BRB, ainda estamos em uma etapa onde estão sendo feitas avaliações, *valuations*, e o início de uma *due diligence* para chegar-se a algum valor que será o ponto inicial de uma futura negociação.

**Maria Laura Pessoa:**

OK. Muito obrigada.

**Lia da Graça, Banif Securities:**

Muito bom dia aos senhores. A minha pergunta, acho que é uma complementação dos comentários sobre a carteira de crédito, mas especificamente sobre a carteira de veículos. Vocês tiveram um desenvolvimento muito expressivo no tamanho da base, de R\$2 bilhões para quase R\$6 bilhões, e tem um investimento grande de desenvolvimento em um JV, e dá a impressão de que o Banco chegou na última fase, melhor fase de aquecimento desse setor.

Eu queria saber a estratégia específica para veículos em um momento um pouco pior, em que a gente sabe que tem muito emprego para ser perdido ainda, e a gente tem *disclosure* de bancos já no Brasil que cortaram um quarto do seu *head count*; então a gente não sabe em quanto tempo essa inadimplência piora precisamente, mas isso denota, certamente, em uma piora das condições de repagamento das pessoas físicas.

Então, como é que vai ser desenvolvida essa JV, ou a participação do Banco do Brasil no mercado de veículos em um momento pior? Muito obrigada.

**Aldo Luiz Mendes:**

Eu vou falando com você que, de fato, a gente vai ter uma condição de demanda um pouco mais adversa na ponta desse crédito vindo de pessoa física. Mas por outro lado, você também vai ter uma condição de oferta completamente diferente. A grande quantidade de bancos pequenos e médios que vinham atuando e ofertando crédito de forma bastante agressiva nesse segmento, eles enfrentam uma condição de liquidez



hoje, que simplesmente fez com que eles tivessem que parar, e a gente não consegue vislumbrar quando é que eles retornam ao mercado.

Portanto criou-se um enorme vácuo nesse mercado. E esse vácuo, está bem claro nas reportagens que a gente vê, inclusive na TV todo dia, de pátios cheios, etc., a gente considera que boa parte da explicação dos pátios cheios vem mais da ausência de crédito do que da própria queda de demanda, pelo menos por enquanto.

Portanto a gente imagina que a JV terá as condições de aproveitar o vácuo que será deixado nesse mercado pela saída que os bancos de porte médio e pequeno deixarão para que os bancos grandes ocupem.

**Lia da Graça:**

Então, só para confirmar, os senhores mantêm essa distribuição de aprovação de crédito de 40% para veículos usados e 60% para veículos novos, é isso?

**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

É isso que eu queria inclusive adicionar, Lia. A nossa estratégia nesse segmento se diferencia dos grandes *players*, que estão muito concentrados no crédito fora da agência, via lojas multimarcas ou concessionárias, e financiando, em grande parte, veículos usados, enquanto o Banco do Brasil é focado, principalmente, em veículos novos.

A gente tem mantido essa disposição. Claro que o banco ficou mais seletivo, a gente chegou a aumentar taxa reduzindo prazo, o prazo médio da nossa carteira de veículos é bastante competitivo, em torno de 42 meses, bem abaixo da média de grandes *players* desse mercado.

Então a gente percebe que a nossa carteira tem um componente de risco menor se comparada com outras carteiras de veículos que a gente sabe que tem nesse mercado. 2009 é um ano que ainda traz muitas incertezas, mas a gente acredita que o impacto na economia brasileira não vai ser tão drástico como a gente está percebendo em outras economias, e não necessariamente você não vai ter oportunidade de crescimento.

A JV tem por objetivo principalmente veículos novos. Você acaba tendo um risco menor do que no usado, porque você tem o valor do colateral que se deprecia muito, dependendo do prazo; o Banco é muito conservador ao financiar veículos novos, não estou financiando veículos com idade média muito avançada, muito pelo contrário. Geralmente a gente trabalha com aquele conceito de usados de dois a três anos, é o nosso foco, a gente não está exposto à linha de motocicletas, por exemplo, que trouxe dor de cabeça para outros *players* do mercado.

Temos tomado esse tipo de cuidado. Claro que a gente cresceu muito, chegamos a pegar uma fase, o final de um ciclo fenomenal nesse mercado, mas a gente acredita que 2009 vai trazer oportunidades sim, e o JV vai nos ajudar a capturar essas oportunidades.



**Lia da Graça:**

Existem bancos que não quiseram, preferiram estrategicamente não entrar em veículos, para não piorar o índice de inadimplência, historicamente mais alto do que algumas outras carteiras; talvez seja o mais alto de todas as carteiras. E os senhores sempre apresentaram uma inadimplência bem abaixo da média setorial. Eu queria saber se na conta de provisão que os senhores já fizeram, já embute o risco maior das carteiras de veículos. Muito obrigada.

**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

Lia, inclusive na divulgação do resultado do 2T08, apareceu ali um crescimento de despesas de provisão na carteira de pessoas físicas em decorrência de um risco maior embutido, principalmente naquelas operações feitas fora do ambiente de agências. A participação dessa carteira no total do crédito de pessoa física do banco, agora é que ultrapassou 10%, enquanto tem *players* em que mais da metade do crédito da pessoa física é veículos.

Então, o componente risco na carteira de pessoa física como um todo, do Banco do Brasil acaba sendo diluído, em função desse *mix* maior e de uma concentração maior do consignado, que tem um risco bem menor embutido.

**Lia da Graça:**

OK. Muito obrigada.

**Bruno Lima, Opus:**

Bom dia Aldo, bom dia Geovanne. Na verdade, a pergunta é muito rápida. Foi recentemente veiculado, hoje inclusive, que as condições de crédito já estariam melhorando bastante, inclusive de forma até surpreendente nesse curtíssimo prazo, nesses últimos dias. Então já estaria havendo novamente crédito a veículo, pessoal fazendo 60 meses, crédito ao consumo voltando, obviamente ainda com taxas elevadas, mas já voltando, uma liquidez muito maior no mercado.

Só queria pegar um pouco desse feeling com vocês, o que vocês estão enxergando, se realmente as condições já estão melhorando, já tem gente até comentando que no final do 1S09, início do 2S09 vocês já poderiam ter “condições normalizadas” de crédito para o Brasil. Enfim, só conseguir pegar uma cor sobre isso. Muito obrigado.

**Aldo Luiz Mendes:**

Bruno, de onde a gente consegue olhar, a gente também tem um pouco essa sensação. Eu venho percebendo uma melhora gradativa na liquidez do sistema, eu venho percebendo uma redução gradativa nas taxas; comparando ali com o início da crise, vamos botar aí, sei lá, meados de setembro, pós-Lehmann e as condições atuais, eu diria que as condições hoje são sensivelmente melhores do que a gente tinha em meados de setembro.

Se a gente continuar nesse ritmo, eu também estou do lado otimista. Por isso estamos fazendo discussão do orçamento aqui, e tendemos a ser mais otimistas do que a média, principalmente quando a gente conversa com pessoas fora do Brasil, às vezes a gente fala com nossas agências, ou com bancos que tem relacionamento conosco e



estão sediados fora; a gente percebe muito um pessimismo lá fora que não se traduz aqui dentro, não. Eu estou um pouco nessa linha dos otimistas também. Acho que a gente pode ter uma reversão positiva desse quadro já na metade do ano que vem.

**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

Se eu puder adicionar, Bruno, um dos pontos que estava preocupando e que acabou atrapalhando essa questão da liquidez no Brasil foram as linhas de financiamento externas, e o nosso Diretor da área internacional está aqui, pode até acrescentar alguma coisa.

A previsão que nós tínhamos para outubro era muito ruim em termos de renovação de linhas. Conseguimos fechar setembro, isso foi objeto até da teleconferência que a gente falou sobre a crise, na renovação das linhas praticamente; eu não sei como é que fechamos outubro, Sandro se você tiver alguma informação. Mas eu acredito que na medida em que essas linhas externas comecem também a fluir com mais normalidade, você tem as condições melhores também para desempessar essa liquidez. Claro, aliado a todas as medidas adotadas pelo Governo para incentivar os bancos a continuarem emprestando crédito.

**Sandro Marcondes:**

Bom dia. Eu quero crer que os comentários do Aldo e do Geovanne tendem a se refletir efetivamente no mercado em linhas interbancárias também para o financiamento do comércio exterior. O que nós vemos é que, como os bancos brasileiros não estão expostos aos principais fatores de risco que desencadearam essa crise, o nível de confiança no sistema bancário brasileiro e também na qualidade do nosso portfólio é bastante grande.

É bem possível que nós sejamos as primeiras instituições a receberem crédito novamente do setor interbancário internacional, de um modo geral. Obviamente, temos um processo de consolidação nesse mercado todo, que levará a uma redução do número de contrapartes, mas o Banco do Brasil tem mais de 60 contrapartes que fornecem linhas de crédito para financiamento do comércio exterior.

Com isso, nós tivemos um índice de renovação, mesmo em outubro, que é o mês subsequente ao epicentro da crise, bastante satisfatório. Entre linhas novas e linhas renovadas, nós tivemos 110% da renovação das operações que venceram naquele mês. E para o mês de novembro, neste momento aqui, no dia 14 de novembro, nós já tivemos 142% de renovação e captações com relação as linhas que venceram nesse mesmo período.

Tivemos obviamente uma majoração dos custos, o que é natural, mas efetivamente isso se reflete também em uma maior margem nas operações ativas aqui no Brasil, e efetivamente tivemos também uma redução dos prazos. Se a gente vinha em operações de prazo entre um e três anos, os prazos agora estão mais curtos, da ordem de 180 dias a 200 dias. Mas isso é cíclico, e na medida em que se restabeleça a confiança no sistema, os prazos tendem a se restabelecer também em caráter de normalidade.

Já que estamos falando de financiamento ao comércio exterior, não podemos deixar de ressaltar que a atuação do Banco Central nesse contexto, no sentido de prover linhas, está sendo muito efetiva. Ontem mesmo tivemos a realização de mais um





leilão, agora com prazo de 360 dias, o que dá, efetivamente, condições de o Banco manter o nível de desembolsos de ACC nos mesmos patamares que nós tivemos nos meses anteriores, pelo menos nos meses de setembro e de outubro.

Tudo depende da demanda. A demanda está relativamente fraca nesses últimos dias, mas havendo demanda por parte das empresas, eu vejo que teremos condições de suportar o comércio exterior brasileiro nos níveis que suportamos nos meses anteriores, com condições de rentabilidade para o Banco bastante satisfatórias e atendendo todos os pré-requisitos de análise de crédito renovada e revisada para esse contexto atual.

**Bruno Lima:**

Posso só fazer mais uma pergunta, só dando um *follow-up*? A gente pode imaginar então que realmente PJ vai continuar tendo muito mais oportunidade, pessoa física, o pessoal realmente ainda está muito sensível ao *trade-off* de consumo; entre consumir carro, apartamento etc., o pessoal está mesmo desacelerando na margem. Mas posso compreender que realmente mais oportunidades virão de pessoa jurídica, e ali será o foco? E pessoa física realmente tende a desacelerar ainda mais, ou estou equivocado?

**Aldo Luiz Mendes:**

Acho que não. Não estou vendo também com tanto pessimismo assim pessoa física. A gente ainda não viu uma deterioração em termos de emprego. A Lia citou ainda há pouco a redução de *head count* no setor bancário, mas é uma questão localizada, até porque os bancos estrangeiros estão muito atingidos, e há agora esse processo de consolidação de dois grandes bancos, que poderá também levar a um processo de redução do número de pessoas empregadas no setor financeiro.

Mas tem todo o resto da economia. Eu não sei, eu ainda não vi, volto a dizer, de onde eu posso enxergar, esse impacto. É claro que as pessoas estão mais cautelosas, mas eu acredito que se o crédito volta a fluir, as pessoas voltam a consumir. Entre duas variáveis que explicam demanda, crédito e renda, eu acho que o crédito está afetando muito mais hoje do que a renda, pelo menos neste momento. Então, se o crédito volta a fluir, eu acho que a demanda volta a aparecer. Se não exatamente nos mesmos níveis anteriores, mas em níveis bastante razoáveis para continuarmos com a expansão de negócios na faixa de 20% a 25%, o que eu considero muito bom.

OK, não vamos crescer a 45%, como a gente cresceu nos últimos 12 meses, mas eu acho que se a gente conseguir 25%, nesse cenário do mundo do jeito que está, é uma excelente expectativa.

**Bruno Lima:**

Entendi. Só uma última pergunta: qual é a linha que voltou mais rápido nesse curtíssimo prazo dessa melhora do cenário? Alguma linha de crédito que chamou a atenção de vocês que tenha voltado com velocidade maior.

**Aldo Luiz Mendes:**

É difícil dizer qual é a linha. Sabe dizer, Sandro?



**Sandro Marcondes:**

Não. Neste momento, acho que a questão da aquisição de carteiras ela vai se mostrar mais relevante no nosso balanço nesse trimestre, dado que ela teve realmente uma injeção maior de capital. Mas com relação às demais linhas, não, estão todas normais. Bem distribuído.

**Bruno Lima:**

Obrigado gente.

**Operadora:**

Com licença, encerramos neste momento a sessão de perguntas e respostas. Gostaria de passar a palavra ao Sr. Aldo Luiz Mendes para as considerações finais.

**Aldo Luiz Mendes:**

Agradeço a todos pela presença nessa nossa conferência para apresentação do resultado do Banco do Brasil no 3T08. Gostaria de lembrar que nós estamos à disposição de vocês através da Internet, através do Portal do BB, nossa página de RI.

Desejo a todos um bom dia. Obrigado, e até uma próxima oportunidade.

**Operadora:**

A teleconferência do Banco do Brasil está encerrada. Agradecemos a participação de todos, e lembramos que o material utilizado nessa teleconferência está disponível no Portal BB, na página de Relações com Investidores. Obrigada pela participação, e tenham todos um bom dia.

“Este documento é uma transcrição produzida pela MZ. A MZ faz o possível para garantir a qualidade (atual, precisa e completa) da transcrição. Entretanto, a MZ não se responsabiliza por eventuais falhas, já que o texto depende da qualidade do áudio e da clareza discursiva dos palestrantes. Portanto, a MZ não se responsabiliza por eventuais danos ou prejuízos que possam surgir com o uso, acesso, segurança, manutenção, distribuição e/ou transmissão desta transcrição. Este documento é uma transcrição simples e não reflete nenhuma opinião de investimento da MZ. Todo o conteúdo deste documento é de responsabilidade total e exclusiva da empresa que realizou o evento transcrito pela MZ. Por favor, consulte o website de relações com investidor (e/ou institucional) da respectiva companhia para mais condições e termos importantes e específicos relacionados ao uso desta transcrição.”